

O Sermão do Monte das Oliveiras – Mt 24 e 25

Preâmbulo -- Métodos interpretativos

O Sermão Final, como é também conhecido o discurso de Jesus Cristo no Monte das Oliveiras, tem como objeto os acontecimentos dos últimos dias, o que na teologia frutificou no nascimento da escatologia. O estudo teológico-escatológico necessita ser, obrigatoriamente, precedido pela apresentação do tema da interpretação bíblica, e assim concordaram praticamente todos os exegetas cristãos ao longo da história da igreja. Essa discussão se faz obrigatória uma vez que a apresentação de temas futuros relacionados a outra realidade que não a nossa, humana, é majoritariamente feita através da linguagem figurada, e isso se dá pela simples impossibilidade da mente humana compreender o que o apóstolo Paulo chama de realidade espiritual (I Co 2:13-15). Por todos os evangelhos, o Mestre se refere ao Reino do Céu por meio de parábolas, evidenciando que não há como traduzir em língua humana o que Ele conhece do Céu. Temos então trechos como *o Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido no campo... o Reino do Céu é semelhante a um homem negociante... o Reino do Céu será semelhante a dez virgens que*, dentre tantas outras passagens.

Essa realidade textual da Escritura Sagrada é abordada no estudo da escatologia por duas linhas principais de interpretação: literal e espiritual¹. O que se quer dizer com “literal” aqui é a abordagem dada ao texto sacro como sendo *em primeiro lugar* literal, ainda que possivelmente possa ser abordado *em segundo lugar* na leitura alegórica. Um exemplo claro desse método é a leitura que se faz de textos como “Eu sou a videira verdadeira” (Jo 15), obviamente Jesus não está dizendo que ele é uma árvore, o próprio sentido literal aqui é o figurado, ou o que se chama de sentido literal figurado, uma vez que o sentido próprio que o orador quis dar foi literalmente o alegórico. Quem lê o texto bíblico como literal não descarta a ferramenta da alegoria, apenas compreende que o sentido literal é sempre primário, sendo o figurado secundário (quando há sentido figurado). A outra linha, a chamada espiritual é aquela que diz que todo o texto bíblico é não-literal, ou seja, trata-se registro pedagógico que carece da análise terceira, e assim, consequentemente a autoridade da análise se baseia na fidedignidade do texto porém ainda mais (não por autoridade mas praticidade) na autoridade do intérprete. Esse método de interpretação chamado espiritual se tornou no último século o mais popular – e é mais adotado a cada dia –, uma vez que as Escrituras passaram a ser vistas sob a ótica positivista, ou seja, se provadas estarem corretas passam a ter mais credibilidade e irrefutabilidade.

Com a discussão durante o movimento reformista, a interpretação literal se tornou uma poderosa ferramenta de estudo das Escrituras no intuito de resgatar (ou preservar) o cristianismo primitivo, evitando que a autoridade de interpretação se tornasse mais importante que a própria realidade textual. Por outro lado, a Igreja Católica passou a condenar o que chamava de biblicismo, que imediatamente tirava da Igreja a autoridade doutrinária e voltava essa autoridade totalmente para *sola scriptura*.

¹ Com relação aos termos “literal” e “espiritual”, a melhor descrição já feita veio por John Peter Lange, exegeta alemão autor de uma série de publicações em que analisa todos os livros da Bíblia Sagrada. Em seu volume de análise do livro de Apocalipse, Lange elucida: *Dentre os pares terminológicos escolhidos para designar as duas grandes escolas de exegetas proféticos, nenhum poderia ser mais infeliz que literal e espiritual. Esses termos não são antitéticos, nem retratam da maneira devida as peculiaridades dos respectivos sistemas para cuja caracterização são utilizados. São indiscutivelmente enganosos e tendenciosos. Literal não é antônimo de espiritual, mas de figurado. Espiritual está em antítese, por um lado, a material e, por outro, a carnal (num mau sentido).*

O que há de vir

Saindo do templo após fazer um duríssimo discurso voltado aos fariseus, Jesus é levado por seus discípulos para ver as edificações do templo, além do edifício principal. Claramente indignado com o que ali estava sendo pregado pelos seguidores da Lei, Jesus não apenas não admira as construções como ainda profetiza acerca da destruição daquele local, o que aconteceria ainda naquela geração², mais precisamente no ano 70d.C.

Após esse episódio é que Cristo se dirige ao monte das Oliveiras, onde chama seus discípulos em particular e profere então o sermão que ficou conhecido como *das Oliveiras*. Ainda com o espírito abalado pelo episódio no Templo, não apenas Jesus mas também seus discípulos continuam com a mente na vinda de Cristo e no fim do mundo.

E, estando ele assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão essas coisas, e qual será o sinal da tua vinda, e do fim do mundo? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Fiquem atentos para que nenhum homem vos engane. – Mt 24:3,4

Temos então um sermão temático, a volta de Cristo e o fim dos tempos, e com um objetivo claro, fortalecer os cristãos para que não seja seduzidos. O que se vê a partir do versículo 5 é uma série de instruções alegóricas, ou “literalmente alegóricas” para utilizar a expressão em Lange. Tais instruções foram recebidas pelos discípulos como sendo para o seu próprio tempo, afinal não poderia ser interpretada de outra forma pois o Mestre declarava expressamente com respeito àquela geração (cf. Mt 23:36); da mesma forma a Igreja nos dois mil anos seguintes continuou lendo as instruções como sendo para sua própria geração também, seguindo a lógica encontrada hoje em J. Ratzinger, que conclama a Igreja a estar sempre em oração, e assim preparando a cada cristão e a todo o Corpo de Cristo para os tempos cujo dia e hora certa só o Pai sabe (Mt 25:13).

E porque haveria os discípulos (e os cristãos de toda a história futura) serem enganados?

*Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo;
e enganarão a muitos. – v.5*

Após a morte e ressurreição de Cristo, correu por todo o mundo simultaneamente à propagação do Evangelho a aparição de diversas pessoas afirmando serem o Cristo ressurreto. Esses falsos profetas proliferavam no primeiro século e com o passar do tempo foram desacreditados, passando a não mais se anunciarem de O Messias, mas de líderes espirituais – muito comuns em todo o mundo atual. Parece que o Diabo, assim como descrito por C. S. Lewis em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, atualizou sua estratégia com o objetivo de desvirtuar os fiéis de Cristo.

O que vemos no Sermão Final é a anunciação de diversas formas de perseguição e até mesmo eventos naturais como terremotos, “mas ainda não é o fim”. Essa mensagem de Cristo, como bem frisamos no módulo Escatologia³, se tornou extremamente popular no Século XX com as duas grandes guerras, momento em que não apenas a Igreja mas todo o mundo passou a se

² A profecia de Cristo se encontra em Mt 23:29ss. Seu cumprimento se deu cerca de 40 anos após seu prenúncio quando, após a Grande Revolta Judaica contra o domínio romano, a muralha de Jerusalém e o Templo foram destruídos pelas forças do imperador Tito, a cidade foi transformada em ruínas e o episódio entrou para a história como o Cerco de Jerusalém. O relato mais conhecido sobre o episódio é o de Flávio Josefo, e encontra-se na obra *História dos Hebreus*.

³ O Módulo Escatologia está disponível gratuitamente a todos os alunos da Escola de Conservadorismo e é baseado na obra do Papa Emérito Bento XVI.

preocupar com o destino do planeta. O movimento ambientalista caminhou para a centralização do universo no homem -- o que é a base do positivismo em Augusto Comte -- e colocou toda a tragédia humana como fruto da ação desordenada do homem; enquanto a Igreja passou a tratar a escatologia com negligência, banalizando o que Cristo afirmou serem *o princípio das dores*.

“Então vos não de entregar para serdes atormentados, e vos matarão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. E então muitos se ofenderão, e trairão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão. E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.” – Mt 24:9-12

A mensagem de Cristo no monte das Oliveiras é terrível, esclarecendo que as guerras, fomes, pestes e terremotos são sinais do fim dos tempos e não o próprio fim. Quando do fim, as dores serão muito maiores chegando à total perseguição dos cristãos com o assassinato sistematizado destes, ao ponto de Jesus instruir que seus seguidores não mais enfrentem o sistema, mas fujam:

Quando, pois, virdes a abominação da desolação, falado pelo profeta Daniel, posta no santo lugar, (quem lê, entenda); então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes. E quem estiver sobre o telhado não desça para tirar alguma coisa de sua casa. Nem volte aquele que estiver no campo para buscar as suas vestes. Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

Hoje é comum ouvirmos pessoas dizendo que é o fim dos tempos, nada mais banal diante do estudo da escatologia messiânica, que nos apresenta um cenário diante do qual o mundo atual não se enquadra sequer no *princípio das dores*. Diante do aumento das tribulações, Cristo nos conclama a suportar até o fim, orando para que o Pai passe de nós a parte do cálice que for de sua vontade (v. 20), inclusive abreviando aqueles dias que, de tão terríveis, se fossem prolongados um pouco mais toda a vida humana seria extirpada da Terra.

Nos dias finais, quando a Igreja estiver escondida e fugitiva sobre a Terra, muitos anunciarão que o Senhor Jesus voltou e se encontra em tal lugar, à semelhança do que Ele já fez quando ressuscitou pela primeira vez: *não acrediteis*. Aqui temos uma instrução vital para a Igreja: Cristo anuncia que sua vinda será vista por todos, em todo o mundo. Mesmo quem estiver escondido em uma caverna poderá ver a luz do Senhor vindo em toda a sua glória, nesse tempo o mundo não terá mais sequer a luz do sol e em total trevas, o Filho do homem virá com sua glória reluzente iluminando todo o planeta (vv. 23-31).

Para a Igreja, Cristo deixa a mensagem mais importante no versículo 36:

Mas daquele dia e hora nenhum homem sabe, não, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai.

Não fossem as palavras expressas daquele que há de vir, a Igreja estaria perdida em análises cabalísticas para encontrar o cálculo do dia e hora de sua vinda, o que fatalmente desvirtuaria o povo de Deus de seu objetivo (Fp 3:12-14). Somos conclamados todos a vigiar, “porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor”.

As parábolas do Reino do Céu

Após seu duro discurso, o Mestre passa a apresentar duas alegorias do Reino do Céu com o objetivo de fazer entender aos discípulos uma realidade inaudita. Como descrever a realidade celeste para um público de mente obtusa, que não consegue entender sequer a aproximação do fim dos tempos? Temos então uma alegoria do Reino do Céu com um grupo de 10 virgens que

está à espera do noivo, parte do grupo se prepara para esperar por um longo período, outra parte conta com a rápida chegada do noivo, este se demora mais que o grupo insensato imaginava, e assim cinco virgens são abandonadas do lado de fora da festa, onde não há alegria.

Temos ainda outra alegoria com a parábola dos talentos, onde um senhor viaja e deixa com seus servos parte do capital. Alguns o investem e o multiplicam enquanto apenas um dos servos age com receio de perder o dinheiro de seu senhor, e assim o enterra. Com a volta do patrão, o servo receoso devolve o dinheiro que estava sob sua custódia sem lucros, e é lançado às trevas por sua postura em muito diferente da de seu senhor, que sempre investia com audácia.

Ambas as parábolas mostram a nós aspectos de nosso Senhor: é ousado (colhe onde não planta); decide Ele mesmo o momento de sua vinda; coloca importâncias de seu reino nas mãos de seus servos; abomina a covardia e, também, é fiel para cumprir as promessas anunciadas ao fim de seu sermão, onde alerta para as obras de seus filhos que não devem apenas cuidar das coisas celestes que estão no Céu, mas das que estão refletidas em cada irmão (v. 40).

O que vemos expresso no fim do último dos grandes sermões de Cristo é a instrução de vida da Igreja, que pode ser sintetizada na pregação do Evangelho, demonstrado no dever de investir na parábola dos talentos; a vida em oração, uma vez que ninguém sabe o dia nem a hora da volta do Messias; e a atenção para com os sinais de sua vinda, aspecto que deve ser objeto de atenção para com cada servo do Senhor, que precisará viver longe até mesmo da comunhão da congregação.

Fernando Melo

Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 10 de março de 2021.